O ESTADO DE S. PAULO

② particularmente a União Europeia, protegida pela Otan – está agora fora do alcance. Obrigado, Kiev.

Em um café da manhã com líderes da Otan dedicado à questão ucraniana em Davos, este ano, a vice-primeira-ministra do Canadá, Chrystia Freeland, notou que nós, o Ocidente, deveríamos agradecer os ucranianos, não forçá-los a nos implorar por mais armas.

Ela também formulou eloquentemente o que está em jogo: "O que Putin quer é transformar a ordem mundial" que evoluiu desde a 2.ª Guerra e o pós-Guerra Fria - na qual "a competição entre as nações tratava de quem conseguia enriquecer mais e ajudar mais seus povos a prosperar. Putin odeia esse mundo porque nesse mundo ele sai perdendo - o sistema dele perde em um paradigma pacífico, global e gerador de riqueza. E o que ele quer é nos levar de volta ao mundo cão, a um século 19, a mais competição entre potências, porque ele acha que é capaz de, mesmo se não vencer, ser mais eficaz por lá. Não devemos pensar nisso como um problema ucraniano, esse problema é de todos nós". Ela está perfeitamente correta.

DUAS REDES. A luta no Oriente Médio tem raízes diferentes e fascinantes: a Rede da Resistência e a Rede da Inclusão nasceram com dois meses de diferença, em 1979.

A Rede da Resistência do Oriente Médio veio ao mundo em 1.º de fevereiro de 1979, quando o aiatolá Ruhollah Khomeini voou de Paris para Teerā e deu à luz a República Islâmica iraniana, que tentaria exportar sua ideologia ao mesmo tempo buscando expulsar os EUA da região e aniquitar Israel

gião e aniquilar Israel. A Rede de Inclusão do Oriente Médio foi parida naquele mesmo ano, quando os EUA intermediaram o tratado de paz entre Egito e Israel, possibilitando pela primeira vez uma colaboração árabe-israelense. Também em 1979, o xeque Rashid ibn Saeed Al Maktoum – governante da cidade portuária de Dubai, nos Emirados Árabes Unidos concluiu a construção do Porto de Jebel Ali, um dos maiores do mundo, estabelecendo Dubai e os EAU como polo global de conexão do Leste Árabe - por meio de comércio, turismo, serviços, frete, investimentos e empresas aéreas de nível mundial com quase todos os cantos do planeta.

Diplomacia

O atual momento da política internacional é de grande risco, mas também de grande oportunidade

Em 2015, essa Rede de Inclusão do Oriente Médio recebeu um impulso enorme com a ascensão do príncipe herdeiro Mohammed bin Salman – com quem me encontrei recentemente em Riad – e sua aspiração de transformar a Arábia Saudita numa Dubai bombada, gigantesca, um centro de cultura, investimento, conferências, turismo e manufatura de uma região muito mais integrada.

O analista político libanêsemiradense Nadim Koteich, gerente-geral da Sky News Arabia, que me ajudou a perceber o contraste dessas duas redes em luta para moldar o Oriente Médio, explicou que a Rede da Resistência "é orquestrada pelo Irã, islamistas e jihadistas" em um processo ao qual eles se referem como "unidade dos campos de batalha". Essa rede, notou ele, "busca unir milícias, negacionistas, seitas religiosas e líderes sectários" criando um eixo anti-Israel, anti-EUA e anti-Ocidente capaz de pressionar Israel simultaneamente em Gaza, na Cisjordânia e na fronteira libanesa assim como os EUA no Mar Vermelho, na Síria e no Iraque; e a Arábia Saudita a partir de todas as direções.

Num contraste acentuado. afirmou Koteich, encontra-se a Rede da Inclusão, que tem como foco construir - em vez de campos de batalha – mercados globais e regionais, conferências de negócios, organizações de imprensa, elites, fundos de hedge, incubadoras de empresas de tecnologia e grandes rotas comerciais. Essa rede de inclusão, acrescentou ele, "transcende fronteiras tradicionais, criando uma rede de interdependência econômica e tecnológica com potencial de redefinir estruturas de poder e criar novos paradigmas de estabilidade regional".

Então hoje, enquanto os EUA degradam indiretamente as capacidades da Rússia por meio de sua aliada Ucrânia, as coisas estão diferentes no Oriente Médio. Por lá, é o Irã que assiste a tudo confortavelmente - emguerra indireta contra Israel e EUA, às vezes também contra Arábia Saudita, combatendo por meio dos aliados de Teerã: o Hamas em Gaza, os houthis no Iêmen, o Hezbollah no Libano e na Síria e as milícias xiitas no Iraque.

O Irã colhe todos os benefícios tendo virtualmente custo zero pelo trabalho de seus aliados; e EUA, Israel e seus tácitos aliados árabes ainda não manifestaram disposição nem indicaram caminho para pressionar o Irã a recuar – sem entrar numa guerra quente, que todos eles querem evitar.

Na minha visão, a melhor maneira de dissuadir o Irã é incrementando pressões internamente - onde a Rede da Inclusão tem mais aliados: os jovens iranianos e suas aspirações de ser parte da Rede da Inclusão. Como sabemos disso? Muitos jo vens iranianos, sedentos de inclusão, estão em revolta aberta contra o regime desde setembro de 2022, quando uma mulher de 22 anos, Mahsa Amini, foi presa em Teerã pela polícia da moralidade iraniana por supostamente usar seu hijab de maneira inapropriada e morreu sob custódia.

Um regime sob o qual mulheres morrem sob custódia após serem presas por não se cobrir o suficiente não é estável nem popular. Além disso, muitos iranianos escolarizados sabem que seu regime está apenas usando o apoio à causa palestina como disfarce para o imperialismo iraniano sobre toda a região, onde Teerã controla indiretamente Síria, Líbano, Iraque e Iêmen, E. por isso - notavelmente nós não paramos de ver pipocar manifestações no Irã expressando apoio a Israel desde o ataque do Hamas de 7 de outubro e contra as custosas aventuras de Teerã. Sim, você leu corretamente.

"Durante um jogo entre os clu-bes de futebol Persepolis e Gol Gohar no estádio nacional de futebol do país, operadores do Exército dos Guardiões da Revolução Islâmica tentaram estimular apoio à causa palestina balançando bandeiras palestinas no campo", noticiou o jornal Jewish Chronicle, de Londres, em 9 de outubro, postando um vídeo na plataforma X, o antigo Twitter. Em vez de simpatia, os basij uma das cinco forças do Egri foram respondidos com cantos de fãs nas arquibancadas dizendo-lhes para 'enfiar essas bandeiras palestinas no c...!' As imagens do incidente viralizaram em redes sociais". E incluíram tuítes como: "Iranianos de verdade sempre apoiarão Israel! A República Islâmica é uma força de ocupação".

Onão partidário Centro Stimson, de Washington, publicou um comentário de um analista radicado no Irã em outubro sobre a oposição no país ao ataque do Hamas que incluiu um vídeo de Instagram impressionante postado por um proeminente analista iraniano mostrando "estudantes de faculdade recusando-se a caminhar sobre bandeiras dos EUA e de Israel que com frequência são colocadas no chão de entradas de universidades no Irã para mostrar apoio aos palestinos". Enquanto isso, a revista The Economist noticiou que "baristas em cafés" iranianos "pregam broches de estrelas de David em seus aventais".

Essa atitude não é de nenhuma maneira universal; muitos outros iranianos certamente apoiam o Hamas, especialmente com as baixas civis em Gaza. Não obstante, notou o Iran International, um canal da oposição iraniana em Londres: "Gaza não, Libano não, eu hei de morrer pelo Irã' tem sido um slogan recorrente em muitos protestos no Irã".

Expansionismo

Muitos iranianos sabem que seu regime usa o apoio aos palestinos para disfarçar o imperialismo do Irã na região

Osmembros da Rede da Resistência são ótimos em rasgar e quebrar coisas, mas, ao contrário da Rede da Inclusão, não mostraram nenhuma capacidade de construir uma sociedade ou um governo ao qual qualquer pessoa gostaria de migrar, quem dirá emular (a fila para obtervisto de entrada para o l'êmen sob controle houthi não é nada longa). Os EUA não enfatizam isso o suficiente.

Portodas essas razões, o atual momento é de grande risco tanto quanto de grande oportunidade – especialmente para Israel. A competição entre a Rede da Resistência e a Rede da Inclusão significa que a região nunca foi mais hostil ou mais acolhedora a aceitar um Estado judaico.

É uma pena que neste momento o traumatizado Estado de Israel sob a liderança falida de Netanyahu não consiga ver isso. Israel conseguir algum dia concordar com um processo de longo prazo para construir dois Estados para dois povos com uma Autoridade Palestina transformada poderia alterar definitivamente o equilibrio entre a Rede da Resistência e a Rede da Inclusão.

A Rede da Resistência não teria nada para justificar as guerras dispendiosas que trava e as armas que empilha – supostamente para derrotar Israel e EUA, mas na realidade para manter seu povo quieto e a si mesma no poder. Enquanto isso, seria muito mais fácil para a Rede da Inclusão ampliar-se, unir-se e vencer. Como já disse, há muito mais em jogo hoje do que parece. • Tradoução de GULHERNE

PRESTREAMENTO DISTRIBUTED BY PRESSE ADR.
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW.